

*Senhor Governador do Estado de São Paulo, meu fraternal amigo Mário Covas; Senhora Presidente do Fundo de Solidariedade, Dona Lila Covas; Senhor Vice-Governador Geraldo Alkmin; Senhor Deputado José Aníbal, Secretário de Ciência e Tecnologia; Doutor Plínio Assmann, que é o nosso Superintendente do IPT; Senhor Presidente da Assembléia de São Paulo, Wanderley Macris; Senhores Ministros; Parlamentares; Senhor Prefeito de São Paulo; Senhores Funcionários do IPT; Senhoras e Senhores,*

A minha presença, aqui, deve-se ao reconhecimento que o Brasil inteiro tem que prestar, hoje, ao Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT). Disse o Governador Mário Covas, sempre generoso em suas palavras, quando a mim se refere, que o centenário do IPT marca uma data histórica, não só para São Paulo, mas para todos os brasileiros.

Como brasileiro de São Paulo, eu não podia deixar de estar aqui, neste dia, para dizer ao IPT, ao Governador Covas, a São Paulo que, efetivamente, só quando há instituições como o IPT, já centenário, é

possível haver avanço e é possível haver inovação, é possível haver reforma, é possível haver reestruturação.

Uma nação não se faz senão com respeito às suas instituições. O respeito às instituições não quer dizer que não devamos propor algo novo, nem que as instituições deixem de se renovar, mas quer dizer que há memória. E que essa memória guarda não apenas os feitos realizados, mas, também, o sentimento das vidas que se dedicaram à consolidação da instituição.

Aqui foram mencionados alguns nomes, como o de Paula Souza. Haveria muitos outros, o de Torres, a recordar. Haveria o Professor Cintra do Prado, o Doutor Milton Vargas, com quem tive a honra de conviver em breve período – eu ainda muito moço, no Conselho Universitário da Universidade de São Paulo. Há muita gente e há, sobretudo, os anônimos, os funcionários, os técnicos, os cientistas, os engenheiros, que se dedicaram a construir uma casa do saber.

Eu não teria nada a acrescentar ao que disse o Doutor Plínio Assmann, sobre os desafios que temos pela frente. Eu não teria nada a acrescentar ao que disse o Governador Mário Covas sobre o significado da ciência e da tecnologia, como condições para o desenvolvimento de um país. Mas, como Presidente da República, quero reafirmar aqui que, se no passado houve um paulista que me antecedeu e que dizia que governar era abrir estradas – e tinha razão, na época, e continua com razão hoje –, no limiar do próximo século, governar é consolidar instituições do saber. Governar é fazer com que seja possível um país que ainda hoje conta com uma massa imensa de analfabetos deixar de contar com ela. Governar é ampliar o acesso às escolas, às universidades. Governar é permitir que haja o enraizamento das instituições de desenvolvimento científico e tecnológico.

Só que governar, hoje, é algo diferente daquilo que podia ter sido há algumas dezenas de anos. Governar, hoje, é quase o autogoverno de uma sociedade. É motivar a sociedade para que ela própria aceite o desafio do futuro. É fazer com que o Estado seja partícipe, mas não seja o único motor da transformação, o único motor da formação de instituições para que o desenvolvimento possa ocorrer. É fazer com

que exista, também, nos empresários, nos sindicatos, na mídia e, em geral, na sociedade o sentimento de que, hoje, necessitamos recuperar, com mais velocidade ainda, o tempo que já perdemos.

Disse o Doutor Plínio Assmann, com toda a razão, que já não nos cabe a escolha sobre se haverá a globalização ou não. O que nos cabe é a escolha sobre de que forma nós vamos atuar nesse mundo que se globaliza: mantendo a assimetria dele ou fazendo com que essa globalização propicie oportunidades melhores para o conjunto dos povos que existem na Terra.

E, oportunidade melhor, hoje, quer dizer uma só coisa: é mais educação. É mais capacidade de se inserir – como aqui também já foi dito – nesses processos mais do que dinâmicos, que já estão ao alcance das nossas vidas, nas transformações a que nós assistimos, na grande revolução da telemática, no fato de que daqui a muito pouco tempo vamos ter a Internet II. Como me dizia, há pouco, o Governador Mário Covas, com a Internet II, quem quiser declarar guerra vai declarar um olhando para a cara do outro.

Pode parecer uma observação corrente comum, mas não o é. Isso significa que, nesse mundo, que se tecnificou, a responsabilidade social e moral vai aumentar enormemente. Cada ato será imediatamente respondido, avaliado, julgado e reagido pelo conjunto dos membros da sociedade, que é uma sociedade universal.

Mas isso não quer dizer que essa sociedade universal dilua os interesses nacionais. Isso não quer dizer que uma comunidade como a brasileira possa, pura e simplesmente, como mencionou o Doutor Plínio Assmann, esperar que, como caixa preta, a tecnologia chegue até nós. Ou somos capazes de interagir, crescentemente, no nível de igualdade e no nível do saber, com aqueles que dispõem das condições de levar adiante as transformações no mundo, ou queiramos ou não, com ou sem retórica, estaremos a reboque das decisões que são tomadas com muita rapidez pelos que mais sabem e, sobretudo, pelos que mais podem implementar o que sabem. Esse é o nosso desafio.

As nossas universidades, por sorte, começam a crescer. Começam a crescer numa velocidade que até nos surpreende, como ainda hoje

o Ministro da Educação mostrou ao país. Nos últimos quatro anos, as matrículas cresceram 28%. Nos 14 anos anteriores, de 1980 a 1994, cresceram apenas 20%. Isso não quer dizer que estejamos satisfeitos, porque, quando olhamos os números globais, vamos ver que temos pouco mais de 2 milhões de brasileiros nas escolas superiores, para uma população de 165 milhões de habitantes. Mas há alguns anos era 1 milhão, e daqui a alguns anos, se tudo correr de acordo com o que é o necessário para o País, por volta de 2004, 2005, teremos 3 milhões.

Não se pense que isso se fez, pura e simplesmente, pela abertura de vagas. Não. Fez-se também com a qualificação de professores. Quando se olha o número de mestres, o número de doutores que se vão formando, vê-se que existe um movimento positivo. Foi o fruto desse movimento positivo, há um século, que permitiu aqui, em São Paulo, fosse criada uma instituição como o IPT. Por trás do desenvolvimento de São Paulo, estão os grandes institutos de investigação e de pesquisa.

Não teríamos tido desenvolvimento no nosso café, não fosse o Instituto Agrônômico. Não teríamos tido desenvolvimento na nossa indústria, não fosse o IPT. Hoje, isso frutifica. Em várias unidades da Federação existem institutos de porte, institutos que almejam, pelo menos, chegar ao padrão de desenvolvimento necessário para que possamos ter um país mais homogêneo. Alguns deles, mais do que almejam, já têm um desenvolvimento equivalente ao desenvolvimento dos melhores institutos. Estão, portanto, na vanguarda.

Mas é verdade, e o disse o Governador Covas, que é preciso, crescentemente, ter uma iniciativa privada que participe do desenvolvimento científico e tecnológico. Os números também são alentadores. Se formos olhar os números relativos ao investimento de ciência e tecnologia no Brasil, houve um crescimento acentuado. E esse crescimento se deu, também, porque há a lei de benefício fiscal, há um investimento crescente do setor empresarial em ciência e, sobretudo, em tecnologia. É verdade que isso requer esforço do conjunto, e, sobretudo, no caso específico das empresas, é iniludível que a função pública continuará sendo essencial para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia no Brasil.

Orgulho-me de ter pertencido a uma geração, na minha universidade – da qual, pela graça dos meus pares, sou professor emérito –, a Universidade de São Paulo, e de ter assistido à criação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo–Fapesp e para ela ter contribuído na época em que era reitor o Professor Ulhôa Cintra, e Governador, o Doutor Carvalho Pinto.

Criamos a Fapesp naquele tempo, sem nem imaginar o efeito que poderia ter tido. Era o início das ciências sociais, porque estávamos lutando para que fôssemos também, pobres sociólogos, conhecidos como parte do mundo acadêmico e científico. Mas não imaginávamos, àquela altura, o efeito que poderia ter tido a Fapesp. E ela, hoje, se multiplica em vários estados do Brasil. Em vários deles, como aqui em São Paulo, uma parte da receita vai destinada diretamente à ciência e a tecnologia. Não basta a ciência, é preciso a tecnologia.

É certo que já dispomos dessas instituições que o Estado precisará continuar a implementar e a promover. Mas é certo, também, que dentro da própria máquina pública existem núcleos criadores de ciência e tecnologia. Aqui estou diante de alguns Comandantes das Forças Armadas. Basta visitar o centro da Marinha, aqui perto de São Paulo, basta visitar o que está se fazendo lá a respeito das centrifugadoras para criar uma tecnologia nova para a aceleração do átomo. Basta verificar que, hoje, fazemos aviões sem competitividade no mercado internacional. A Embraer, hoje, é a que se qualifica como a quarta maior empresa de aviação regional do mundo. Nasceu aqui a sua tecnologia, aqui em São José dos Campos. Basta verificar em várias outras instituições que existem pelo mundo ou pelo Brasil afora onde, anonimamente, se estão lançando as bases de um Brasil mais sólido em termos de ciência e tecnologia.

É, portanto, com esse esforço de parceria – o setor público diretamente, o setor empresarial, nas universidades, mas, sobretudo, na compreensão da sociedade – que vamos poder entrar no próximo século com a vontade firme de fazer com que essa globalização simétrica possa transformar, pelo nosso esforço, cada vez mais, uma glo-

balização capaz de gerar oportunidades efetivamente iguais para todos nós.

Termino, porque queria apenas trazer aqui o meu testemunho de alegria pelo centenário do IPT. Termino dizendo que, se é preciso um símbolo vivo do que é São Paulo, do que é o Brasil, do que é o IPT, do que é a dedicação de uma vida a uma instituição e dos resultados, dos frutos que isso traz, eu termino dizendo: muito obrigado, Professor Alberto Vieira de Castro. É de gente como Alberto Vieira de Castro que o Brasil precisa. E o Brasil as tem. E, por isso, sou confiante no nosso futuro.